

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**RAPHAELA MARTINS SILVA  
VINÍCIUS LORENÇÃO**

**Como o *soft power* dos EUA influenciou o Brasil por meio da mídia durante a 2ª Guerra Mundial? Análise do filme “*Alô, amigos*”**

**SÃO PAULO  
2023**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Anhembi Morumbi – UAM, como  
requisito para conclusão do curso de Relações  
Internacionais.

Orientador: Profa. Elcineia S. de Castro  
Coorientador: Prof. Henrique Campos de Oliveira

**SÃO PAULO**  
**2023**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e mostrar como a mídia foi uma ferramenta fundamental para o *Soft Power* estadunidense durante a Segunda Guerra Mundial para conseguir aliados, no caso, trataremos do Brasil e como essa influência foi importante. Há uma análise da conjuntura político-econômica tanto do Brasil como dos países principais envolvidos neste conflito, e, as procurou-se explicar as razões da importância do controle midiático nesse período.

**Palavras-chave:** Política externa. cultura. comunicação. influência.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze and show how the media was a fundamental tool for the American soft power during World War II to get allies, in this case, we will deal with Brazil and how this influence was important. There is an analysis of the political-economic conjuncture of both Brazil and the main countries involved in this conflict, and the reasons for the importance of media control in this period were explained.

**Keywords:** Foreign policy. culture. communication. influence

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2	Breve análise sobre o entre guerras e o estopim para a 2º Guerra Mundial.....	1
2.1	Análise da conjuntura do Brasil na 2ª Guerra Mundial.....	2
2.2	Política Brasileira pré-conflito.....	3
2.3	Razões para o Brasil ter entrado ao lado dos Aliados.....	4
2.4	O que ambos os lados almejam com o Brasil.....	6
3	Temor do Governo norte-americano na região e a política do Big Stick.....	7
3.1	<i>Walt Disney e CIA</i> .....	10
3.2	O enredo do filme <i>Alô, amigos</i> e a mensagem transmitida aos latino-americanos.....	11
4	O uso da mídia como instrumento contenção ideológica: cinema.....	13
4.1	O uso do <i>soft power</i> no território latino-americano (Brasil): OCIAA.....	15
5	Considerações finais.....	18
	Referências.....	19

## 1. INTRODUÇÃO

Esse texto visa analisar os efeitos causados pela difusão de informações por meio da mídia entre as relações dos Estados Unidos da América e Brasil, demonstrando o contexto de ambos antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Expondo o contexto da guerra e a posições de ambos os lados do conflito, e assim, podemos tirar uma conclusão de como os Estados Unidos puderam utilizar o *soft power*, por meio da mídia, como uma ferramenta fundamental para propagação das ideias americanas, na América Latina. E, também analisar como o Brasil foi influenciado por essa construção de “irmandade superficial” ao juntar-se aos países Aliados durante a guerra. Examinamos como filmes puderam/podem ser usados como ferramentas para disseminação de ideias//ideologias para se obter o resultado planejado pelo lado produtor de tais filmagens, fotos, músicas, entre outras formas. E tratamos de como as teorias sobre *soft power* de Joseph Nye se aplicam nesse contexto da Segunda Guerra Mundial.

## 2. Breve análise sobre o entre guerras e o estopim para a 2º Guerra Mundial

O mundo na primeira metade do século XX viu os dois maiores conflitos militares da história, tanto a primeira Guerra Mundial e 21 anos depois, a segunda. Esse período do entre guerras foi muito intenso entre os países (principalmente os europeus que foram o palco dos conflitos), de um lado havia os países ganhadores (EUA, França, Inglaterra, URSS entre outros), endividados e financiando a reconstrução de seus territórios, e do outro, os perdedores necessitavam reestruturar sua economia e reconstruir suas nações, porém, esses últimos estavam muito mais endividados devido ao Tratado de Versalhes (1919), imposto aos países do eixo, impondo altíssimas taxas de pagamentos aos aliados, que por sua vez, impediram a reconstrução e estabilização dos pagantes, os quais entraram em tempos de mais instabilidades e hiperinflação sem nenhuma previsão de melhora.

Devido esse cenário de destruição da infraestrutura, fome, miséria e hiperinflação, que chegou a atingir 21% de perda do poder de compra alemão diariamente, ou seja, a cada 3 dias os preços dobravam de valor. (VIGEVANI, T., 1995)

Nesse contexto, surgiram movimentos autoritários como o nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini respectivamente na Alemanha e na Itália, vertentes ideológicas pensadas por aqueles

que não aceitaram a derrota da 1ª GM, prometiam reerguer suas economias e retomar o crescimento de seus Impérios, e, ao ignorar o Tratado de Versalhes (1919). Através do autoritarismo, começaram novamente a se recompor, tanto economicamente quanto militarmente, e a população dessas localidades por sentirem a melhora na qualidade de vida. Esses movimentos políticos foram crescendo até um momento que o revanchismo dessas nações (causado pelo fato dos combatentes alemães nunca reconhecerem a derrota na 1ªGM), a falta de vontade de intervir dos países do oeste europeu (ao querer evitar um novo conflito de grandes proporções), permitiram uma série de abusos por parte dos alemães, por exemplo: começaram uma corrida armamentista e aumento do exército, perseguição de povos considerados não puros e até anexação de territórios controlados por outra nação soberana (caso da região dos Sudetos na então Tchecoslováquia).

Logo, em 1939, os alemães invadiram a Polônia à procura do que Hitler denominava como busca por espaço vital (mais território para os alemães exercerem controle e mais recursos naturais para sua indústria), fato que marcou o início da 2ª G. M., esse foi o estopim que Inglaterra e França não poderiam deixar de se manifestar mesmo não desejando conflito. Por se tratar da continuação da 1ªGM, repete-se alguns parâmetros na segunda, porém em escala maior, as alianças dividiam os lados da guerra, o Eixo era formado pela Alemanha, Itália, Império Austro-húngaro e Japão (principais), já os aliados por sua vez eram: Inglaterra, França, União Soviética (principais).

No começo algumas nações declararam neutralidade por não acharem que deveriam se envolver em uma guerra ocorrendo em alguns casos em outro continente (ex: conflitos no Oceano Pacífico ou norte da África), mas no decorrer dos anos do conflito tiveram que tomar partido, como os EUA e o Brasil (houve nações que conseguiram permanecer neutros ex: Espanha, Portugal, Suíça etc.).

(Pinheiro, Letícia 1995)

## **2.1 Análise da conjuntura do Brasil na 2ª Guerra Mundial**

O Brasil, maior produtor de café da época, era completamente dependente da exportação de commodities, o maior exemplo disso foi a queda gigantesca de valor <sup>1</sup>do café devido à quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, tal perda, fez o governo brasileiro

---

<sup>1</sup> Em Santos, no litoral paulista, o dia de Santo Antônio tem um cheiro diferente: café torrado. O governo provisório mandou queimar os estoques de café, pois o preço do produto e as exportações não param de cair desde a quebra da bolsa de Nova York, em 1929.

comprasse dos produtores para queimá-lo e reduzir a oferta para tentar segurar a economia nacional.

Ao tratar da geopolítica brasileira na década de 1930 pode se perceber a ausência de grandes conflitos e um histórico relativamente pacífico ao considerar seu território de dimensões continentais. O último conflito travado em seu território foi a Guerra do Paraguai (1864-1870).<sup>2</sup>

Todavia, mesmo com essa segurança de estar longe geograficamente do conflito, havia ameaças reais de bombardeios a navios brasileiros que transportavam mercadorias para o lado oposto de quem faria o ataque.

Na parte econômica já era desde seu tempo como colônia portuguesa, um exportador de commodities como: o café, minério de ferro, látex etc.

E, por ser muito afastado do centro econômico global, não era envolvido diretamente com o momento de aperto europeu no início, porém os efeitos da guerra na economia global logo foram sentidos, com a diminuição parcial ou total de exportações específicas, parte fundamental da economia brasileira. Nessa época ainda era um país subdesenvolvido nem perto de ser considerado emergente e estava ainda no início de sua industrialização tardia, portanto, um país agroexportador como sempre foi. (autor/data)

Por essas razões seria difícil pensar na participação brasileira na 2ªGM, e realmente era quase tão improvável quanto a sua participação na 1ªGM, mas ao tratar de duas das maiores guerras até então, a amplitude de tudo chegou a levar até brasileiros às frentes de batalha europeias. Em ambas as guerras o plano do governo era manter a neutralidade, porém, nos dois casos e no decorrer dos conflitos foi inviabilizada essa escolha.

## **2.2 Política Brasileira pré-conflito**

Desde 1889 o Brasil havia declarado sua república e em menos de 50 anos Getúlio Vargas assume o governo por meio da Revolução de 1930, movimento de pessoas insatisfeitas com a política do café com leite (período em que apenas paulistas e mineiros eram eleitos como presidente). Esse modelo seguido de 1898 com a posse de Campos Salles até a Revolução de

---

<sup>2</sup> A Guerra do Paraguai foi um conflito armado ocorrido entre os anos de 1864 e 1870. Os países envolvidos foram Brasil, Argentina e Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança para combater o Paraguai. O combate ocorreu porque o Paraguai pretendia anexar territórios do Brasil e da Argentina. Igualmente, estava em jogo o controle pela Bacia do Prata. A Guerra do Paraguai terminou com a vitória da Tríplice Aliança.

1930 dividia o cargo da presidência, a cada 4 anos entre os oligarcas da cafeicultura brasileira (mais conhecidos como barões do café), figuras de extrema influência tanto interna quanto externa no Brasil, eram eles que decidiam na prática quem seria o candidato eleito, e não a população que era obrigada a obedecê-los sob pena de castigos físicos normalmente.

Por essa razão, a população de outros estados (principalmente Rio Grande do Sul, Paraíba e Minas Gerais), impediram a ascensão do paulista Júlio Prestes (eleito em 1930 à presidência (ano que “deveria” ser eleito um mineiro, fato que causou a adesão de mineiros a revolução), e assim, Getúlio se torna o novo líder nacional, ou seja, assume o posto não por meio de eleições democráticas como a Constituição vigente determinava, ocorrido esse que deixava o Brasil com olhares dúbios por parte das nações, especialmente naquele período de criação de alianças políticos-militares. (ALVES, J. 2015)

No decorrer dos anos o Brasil tentou manter-se neutro, mas havia assédios de ambos os lados para a sua adesão. Mesmo com esse histórico brasileiro pré-conflito, (que o manteve neutro até meados de 1942, sofrendo apenas os efeitos indiretos da guerra até então), foi neste ano que o Brasil quebrou as relações com os países do Eixo, e, 2 anos mais tarde, entrou ativamente na guerra quando enviou combatentes para a frente de batalha. (PINHEIRO, L. 1995).

### **2.3 Quais foram as razões para o Brasil entrar ao lado dos aliados?**

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil encontrava-se no centro dos interesses de ambos os lados do conflito, principalmente devido aos valiosos recursos naturais e à sua localização estratégica. Ambas as facções, Aliados e do Eixo, cobiçavam os seguintes elementos:

O látex da Amazônia para a produção de pneus emergiu como um recurso estratégico disputado. A borracha da região amazônica era crucial para a fabricação de pneus, vital para a movimentação de veículos militares e logística de guerra. Essa matéria-prima tornou-se um ponto de interesse significativo para ambas as partes, visando garantir um suprimento constante para suas operações.

Os metais necessários para a produção de armamentos e munições também estavam entre os alvos de disputa. O Brasil possuía depósitos ricos em minerais essenciais para a fabricação de equipamentos militares, tornando-se uma fonte estratégica para ambas as

alianças, que buscavam assegurar a oferta contínua desses materiais cruciais para a condução da guerra. (BANDEIRA, p. 49)

A localização geográfica do Brasil, com ênfase na proximidade do nordeste com a África, tornou-se um fator estratégico determinante. Especialmente na região do Saara, onde as batalhas se desenrolavam, a localização do Brasil proporcionava uma vantagem logística para ambas as partes. O controle dessa área permitiria uma influência significativa sobre as rotas de abastecimento e as operações militares na região. (PINHEIRO,1995)

Ambos os lados compartilhavam a preocupação de que esses recursos estratégicos, como o látex da Amazônia e os metais essenciais, não caíssem nas mãos do inimigo. A competição pelo acesso e controle desses recursos refletiu não apenas a necessidade de suprir as demandas logísticas e industriais, mas também a estratégia de privar o adversário desses valiosos insumos durante o conflito.

Assim, a Segunda Guerra Mundial colocou o Brasil no centro de interesses disputados, onde suas riquezas naturais e localização estratégica desencadearam uma intensa competição entre as facções envolvidas no conflito global.

Outro fator muito influente nesse período era a industrialização tardia no Brasil, a dar seus primeiros passos durante a década de 1930, que por sua vez gerava diversos conflitos de ideias entre os trabalhadores. Já existia o Partido Comunista Brasileiro desde 1922 e com a crescente insatisfação dos trabalhadores por serem maltratados em seus empregos e pouco remunerados por seus serviços, apresentava-se um fator de risco para os Americanos, que estavam atentos às movimentações políticas brasileiras. Somando a falta de leis trabalhistas e de direitos a estas pessoas criava-se um clima de tensão nas fábricas e ruas das grandes cidades, e, essa pressão poderia se elevar para uma possível revolução operária como havia ocorrido na Rússia em 1919.

Dado esse contexto, ocorreram diversas greves/paralisações para lutar por melhores condições nas indústrias brasileiras, o que desestabilizava o Brasil tanto econômico quanto politicamente, não podendo ser desconsiderado pelos governantes da época, da mesma forma como não era desconsiderado pelos estadunidenses também.

Mesmo com esse clima de instabilidade, o Governo Vargas foi tido como bem-sucedido ao tratar do operariado, conseguiram aprovar as CLTs (Consolidação das Leis do Trabalho) em maio de 1943 (1 ano após o Brasil declarar guerra ao Eixo), leis essas que estão em vigor até os dias de hoje, garantindo direitos ao trabalhador.

Esses foram motivos para a resposta dos EUA perante esse momento, e as medidas que seriam adotadas para superar esses problemas para manter a sua relevância no Brasil tiveram esse contexto como base.

#### **2.4 O que ambos os lados queriam do Brasil?**

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil encontrava-se no centro dos interesses de ambos os lados do conflito, principalmente devido aos valiosos recursos naturais e à sua localização estratégica. Ambas as facções, Aliados e do Eixo, cobiçavam os seguintes elementos:

O látex da Amazônia para a produção de pneus emergiu como um recurso estratégico disputado. A borracha da região amazônica era crucial para a fabricação de pneus, vital para a movimentação de veículos militares e logística de guerra. Essa matéria-prima tornou-se um ponto de interesse significativo para ambas as partes, visando garantir um suprimento constante para suas operações. (BANDEIRA, p. 49)

Os metais necessários para a produção de armamentos e munições também estavam entre os alvos de disputa. O Brasil possuía depósitos ricos em minerais essenciais para a fabricação de equipamentos militares, tornando-se uma fonte estratégica para ambas as alianças, que buscavam assegurar a oferta contínua desses materiais cruciais para a condução da guerra. (BANDEIRA, p. 49)

A localização geográfica do Brasil, com ênfase na proximidade do nordeste com a África, tornou-se um fator estratégico determinante. Especialmente na região do Saara, onde as batalhas se desenrolavam, a localização do Brasil proporcionava uma vantagem logística para ambas as partes. O controle dessa área permitiria uma influência significativa sobre as rotas de abastecimento e as operações militares na região. (PINHEIRO, L., 1995)

Ambos os lados compartilhavam a preocupação de que esses recursos estratégicos, como o látex da Amazônia e os metais essenciais, não caíssem nas mãos do inimigo. A competição pelo acesso e controle desses recursos refletiu não apenas a necessidade de suprir as demandas logísticas e industriais, mas também a estratégia de privar o adversário desses valiosos insumos durante o conflito.

Assim, a Segunda Guerra Mundial colocou o Brasil no centro de interesses disputados, onde suas riquezas naturais e localização estratégica desencadearam uma intensa competição entre as facções envolvidas no conflito global.

Outro fator muito influente nesse período era a industrialização tardia no Brasil, a dar seus primeiros passos durante a década de 1930, que por sua vez gerava diversos conflitos de ideias entre os trabalhadores. Já existia o Partido Comunista Brasileiro desde 1922 e com a crescente insatisfação dos trabalhadores por serem maltratados em seus empregos e pouco remunerados por seus serviços, apresentava-se um fator de risco para os Americanos, que estavam atentos às movimentações políticas brasileiras. Somando a falta de leis trabalhistas e de direitos a estas pessoas criava-se um clima de tensão nas fábricas e ruas das grandes cidades, e, essa pressão poderia se elevar para uma possível revolução operária como havia ocorrido na Rússia em 1919.

Dado esse contexto, ocorreram diversas greves/paralisações para lutar por melhores condições nas indústrias brasileiras, o que desestabilizava o Brasil tanto econômico quanto politicamente, não podendo ser desconsiderado pelos governantes da época, da mesma forma como não era desconsiderado pelos estadunidenses também.

Mesmo com esse clima de instabilidade, o Governo Vargas foi tido como bem-sucedido ao tratar do operariado, conseguiram aprovar as CLTs (Consolidação das Leis do Trabalho) em maio de 1943 (1 ano após o Brasil declarar guerra ao Eixo), leis essas que estão em vigor até os dias de hoje, garantindo direitos ao trabalhador.

Esses foram motivos para a resposta dos E.U.A. perante esse momento, e as medidas que seriam adotadas para superar esses problemas para manter a sua relevância no Brasil tiveram esse contexto como base.

### **3. O temor do Governo norte-americano na região da América Latina e a política do Big Stick**

No final da década de 1930 os EUA estavam pouco interessados em seus vizinhos latino-americanos, porém, a partir do início da 2ª GM, se viram na necessidade de se voltar para seu próprio continente (muitas vezes ignorado por serem quase todos países subdesenvolvidos). Primeiramente, foi a razão econômica, com a guerra o mercado europeu se” fechou” para consumir apenas bens de necessidade fundamental no momento, ou seja, comida e poderio bélico. Portanto, sem mercado consumidor, os EUA entraram novamente em crise (logo após sua maior crise em 1929, com a quebra da bolsa de Nova York).

A segunda razão era evitar a aproximação do totalitarismo na América como um todo. Mesmo no início o país sendo neutro, já era claro, a preferência e suporte aos Aliados, algo que não alegrava o Eixo que por sua vez procuraria outras nações para ter alianças, e a América possuía um grande potencial energético, mineral e agropecuário.

Nem o Eixo, nem os Aliados deixariam esses recursos ficarem com o outro. Com isso começaram grandes negociações políticas para decidir quem estava do lado de quem.



Figura 1 - Fonte: <https://i23.photobucket.com/albums/b373/brenotadeu/S2149.jpg?t=1302615454>. Acesso em: 13-11-2023

Ao tratar do Brasil nesta questão, duas matérias-primas eram altamente relevantes para o conflito: o látex vindo da Amazônia (para a produção de borracha e depois pneus para blindados, por exemplo) e o ferro, (necessário para a confecção de armamentos/munições).

Quando os E.U.A. declararam guerra ao Eixo em 1941, já era claro para eles que o Brasil não poderia se aliar com os nazistas, possuíam até um plano de invasão ao território brasileiro caso o fizessem.

Era difícil prever qual lado conseguiria se aliar ao Brasil, um país americano, com muitos descendentes de alemães e italianos, que tinha acabado completar 50 anos de república com um presidente governando por meio de um golpe de estado e que elogiava por vezes os regimes totalitários. O governo Vargas era ditatorial e na década de 1940 já durava 10 anos, flertava com os regimes totalitários do Eixo, dessa forma, chamava a atenção dos Aliados, e quanto a

questão econômica, e, em 1938 a Alemanha era o 2º maior parceiro econômico do Brasil, logo atrás dos Estados Unidos. Assim, havia uma disputa para escolher seu lado, basicamente venceria quem propusesse as melhores ofertas.

Por ser um país subdesenvolvido e ter começado a se industrializar no início do século XX, a indústria nacional ainda estava dando seus primeiros passos, então com âmbito de crescer, o Governo Vargas negociava com os EUA e com a Alemanha a construção de uma siderúrgica (que seria a primeira do país), Vargas estava basicamente vendendo o seu lado na guerra para quem satisfizesse sua vontade quanto este assunto, ao tentar aproveitar ao máximo o “poder” de barganha que possuía no momento (PINHEIRO, L., 1995)

Dado os problemas econômicos sentidos na América Latina por causa da guerra, outras questões apareciam para os EUA, devido às profundas desigualdades econômicas, muitos países latino-americanos enfrentavam crises financeiras, dívidas externas, inflação e instabilidade, provocando um descontentamento social palpável. Esses elementos tornaram-se combustíveis para a busca por mudanças políticas, criando um terreno fértil para movimentos sociais, sindicatos e organizações da sociedade civil.

Os sindicatos, notadamente, desempenharam papéis cruciais na luta pelos direitos dos trabalhadores, organizando greves e paralisações em prol de melhores condições de trabalho, salários justos e direitos laborais. Contudo, essa busca por direitos frequentemente colocou os sindicatos em confronto direto com regimes autoritários, que percebiam tais organizações como ameaças à estabilidade.

A estratégia de sindicatos em organizar greves e paralisações tornou-se uma ferramenta vital para pressionar por mudanças. Entretanto, essa resistência enfrentou resistência significativa dos regimes autoritários, resultando em prisões, perseguições e restrições à liberdade sindical. Essa dinâmica reflete a tensão constante entre a defesa dos direitos trabalhistas e a resistência contrarregimes que buscam manter o status quo. Além da possibilidade dos trabalhadores insatisfeitos se juntarem ao partido comunista e aborrecessem “talvez” ainda mais os norte-americanos, caso uma revolução comunista sucedesse no Brasil.

A atuação dos sindicatos transcendeu fronteiras nacionais, estabelecendo alianças regionais que fortaleceram a solidariedade entre os trabalhadores latino-americanos. Essa

colaboração transnacional contribuiu para a criação de movimentos sindicais mais robustos, capazes de enfrentar desafios em escala regional.

Por outro lado, o desemprego persistente em muitos países da América Latina tornou-se uma promessa frequentemente explorada por regimes totalitários. Ao oferecer soluções para o desemprego, esses regimes atraíram uma população ávida por oportunidades de trabalho e estabilidade econômica. No entanto, a realização dessas promessas é frequentemente comprometida por má gestão, corrupção e políticas inadequadas, resultando em agravamento da insatisfação social.

A persistência do desemprego não apenas afetou as condições de vida individuais, mas também minou a coesão social, aumentando os níveis de descontentamento e desconfiança em relação às instituições governamentais. A frustração resultante operou em forma de protestos, manifestações e instabilidade política, criando um ciclo vicioso que comprometia as perspectivas de desenvolvimento a longo prazo.

Como forma de resposta, os EUA utilizaram a política do Big Stick, uma abordagem americana criada pelo então presidente Franklin Delano Roosevelt (1933-1945), como a “atualização” da já conhecida Doutrina Monroe (1823), cujo, poderia ser entendida como uma doutrina de força imposta aos seus países vizinhos no continente americano, tanto na parte central quanto do sul. Esse modelo foi adotado entre 1901 e 1909 porém reverberava na diplomacia americana durante todo esse período até o fim da 2ª GM. O propósito dessa medida era proteger os interesses econômicos e geopolíticos ao redor da América, assim, como o próprio Roosevelt disse: “*fale com suavidade e tenha à mão um grande porrete*”. Dessa maneira pode-se afirmar que os objetivos estadunidenses sempre foram garantir a sobrevivência de seu Estado e população, além de seus interesses internos/externos. (BANDEIRA, p. 47)

### **3.1 WALT DISNEY E CIA**

Uma jogada do governo americano foi contratar artistas influentes para criarem obras que aproximassem os EUA do Brasil, por considerar a América Latina no geral como seu *backyard* (quintal), jamais poderia deixar os nazistas conquistarem sua aliança, dessa forma o sentimento de uma América mais unida surgia. Alguns desses artistas foram contratados

especialmente pela *CIA (Central Intelligence Agency)*, agência que até hoje atua como representante dos EUA para assuntos exteriores legais e por muitas vezes, implicitamente.

O marco mais relevante desse movimento de aproximação foi a vinda de Walt Disney ao Rio de Janeiro (então capital brasileira) em agosto de 1941. Para criar um filme animado que ficou conhecido como: *Alô amigos*, filme que incorporou um papagaio carioca no universo Disney, juntamente com o samba e a popularização de Carmen Miranda nos EUA.

O filme "*Alô amigos*" foi lançado em um momento decisivo quando o Brasil estava tomando decisões sobre seu alinhamento na guerra. A apresentação positiva da cultura brasileira nos cinemas americanos ajudou a influenciar a opinião pública nos Estados Unidos e a construir uma imagem positiva do Brasil.

"*Alô Amigos*" não foi um caso isolado. Foi seguido por outro filme da Disney chamado "Você já foi à Bahia?" (1944), que continuou a apresentar aspectos da cultura brasileira. (MCCAN, Frank, 2007)

Esses filmes faziam parte de um esforço maior que incluía visitas de artistas e líderes americanos ao Brasil e a promoção de relações comerciais e diplomáticas mais estreitas. A estratégia de aproximação cultural, incluindo "*Alô Amigos*", desempenhou um papel de extrema importância para garantir que o Brasil se alinhasse com os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

A relação amistosa desse período continuou a influenciar as relações bilaterais entre o Brasil e os Estados Unidos nas décadas seguintes, estabelecendo uma base sólida para a cooperação em vários campos, incluindo política, economia e cultura.

A questão da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos, com um peso financeiro e econômico significativo, remonta a um período histórico complexo, após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos concentraram grande parte de seus esforços na re-construção da Europa, principalmente por meio do Plano Marshall, que visava à recuperação econômica do continente. Essa priorização europeia deixou o Brasil e a América Latina em geral em um papel secundário nas relações internacionais dos EUA. (MCCAN, Frank, 2007)

### 3.2 O enredo do filme “*Alô, amigos*” e a mensagem transmitida aos latino-americanos

Ao utilizar o filme “*Alô Amigos*” produzido pela Disney nos anos 1940, percebe-se grande procura de seus produtores de causar um sentimento de aproximação entre os habitantes da América do Norte e do Sul, a história toda do longa metragem trata da viagem dos cinegrafistas/desenhistas e roteiristas da Disney em países como o Brasil, Chile, Uruguai, Argentina e Peru. Eles passam por regiões memoráveis da América do Sul, os Andes e o lago Titicaca são onde o filme conta sobre as populações indígenas do local tem uma cultura “exótica” (citam os chapéus estranhos das mulheres andinas, sua comunidade de certa forma retrógrada ao comparar com os Estados Unidos, mesmo que não seja dito explicitamente). No decorrer do filme há várias comparações entre os personagens culturais de ambas as Américas, na parte em que a equipe de Walt Disney passa pelos pampas argentinos, é clara a comparação entre o cowboy do Oeste estadunidense e o gaúcho, tentando assim, aproximar o sentimento em comum desses personagens históricos (são analisadas as vestimentas, suas funções na sociedade, o gosto por carne bovina, as influências musicais entre o country e o tango, entre outros aspectos). Quando chega o momento de a expedição ir ao Rio de Janeiro no Brasil, aparece um personagem em desenho animado até então inédito, o Zé Carioca, um papagaio verde, com todos os estereótipos de um carioca conhecidos, como o “bom malandro”, cheio de vida, respira música o tempo todo, etc. Essa figura representa a visão dos americanos, a tentar registrar o modo do “brasileiro” de ser, de uma forma positiva “mesmo que para eles próprios esse jeito não seria moralmente ideal, nem aprovado caberia em sua própria sociedade, num modelo cheio de estereótipos, já que não cabe dentro um personagem toda a diversidade brasileira.

Ao som do samba exaltação : aquarela do Brasil, o personagem histórico da Disney pato Donald é apresentado à Zé e eles descobrem ser parentes (mais uma vez, percebe-se a intenção de aproximar o Brasil e EUA, tornando o papagaio brasileiro em parente familiar do pato estadunidense, percebe-se então o sentimento de unidade, de ser comum, portanto familiar”. As características dos personagens refletem estereótipos da época, com uma abordagem caricatural da cultura latino-americana. As falas, muitas vezes, são carregadas de humor e leveza, mas é importante observar que algumas representações podem ser simplificadas e datadas.

Este filme é uma obra cinematográfica única que mescla animação e live-action, lançada pela Disney em 1942. Apresenta características marcantes, principalmente nas falas dos personagens. Donald Duck, por exemplo, expressa sua típica personalidade atrapalhada, enquanto José Carioca, o papagaio brasileiro, adiciona um toque de charme e simpatia com suas expressões descontraídas.

Buscou-se explorar a riqueza cultural do Brasil, especialmente no segmento que destaca a cidade do Rio de Janeiro. Portanto, em resumo, "*Alô Amigos*" oferece uma análise interessante das representações culturais da época, através das características e falas dos personagens, proporcionando uma visão única da diversidade latino-americana sob a perspectiva da Disney, mesmo que tenha sido criada por uma razão específica e num contexto geopolítico mais denso que apenas uma animação infantil.

#### **4. O uso da mídia como instrumento de manipulação e contenção ideológica anticomunista: estudo de caso sobre o uso do cinema**

Podemos constatar que para os norte-americanos se aproximarem do Brasil, foi necessário integrar suas culturas, fazer a população se sentir mais alinhada aos pensamentos e costumes estadunidenses, para conseguir encontrar na Alemanha um inimigo comum. E, para conseguir suceder nesse objetivo, os meios de comunicação mais modernos eram fundamentais, os mais difundidos eram: o rádio, o telefone e o telégrafo, que já estavam bem presentes e consolidados. Dessa forma, as mais diversas localidades estavam conectadas como nunca antes, acelerando a comunicação para contatos político-econômicos e militares. A distância já não atrapalhava mais a interação das nações como antes, já havia encurtado muito, e era um caminho sem volta, aviões já cruzavam continentes em questão de horas e não dias, comunicação era praticamente instantânea.

Não fosse pelo rádio e os jornais distribuídos em massa ao redor de todo o país, os bombardeios aos navios mercantis e seus tripulantes jamais teriam causado o impacto que apenas um país minimamente conectado conseguiu gerar. O medo da invasão, a crise econômica, tudo era compartilhado por esses meios de comunicação, numa velocidade nunca antes vista, mesmo ao tratar de assuntos ocorridos principalmente em outro continente. Portanto a estratégia de influenciar o Brasil com o *soft power* (conceito político que se refere à capacidade de um país ou ator internacional de influenciar outros através de meios não coercitivos, como cultura,

diplomacia, educação e valores) foi bem-sucedida, sem ter que impor a força para conseguir o que queriam dos brasileiros, conseguiram mudar parte do jeito do brasileiro de ser, como consumir, se industrializar, qual viés econômico/político seguir.

O conceito dual de *soft power* e *hard power* cunhado por Nye tornou-se uma ferramenta crucial na análise das dinâmicas globais. Enquanto o *hard power* envolve o uso da força e coerção, o *soft power* refere-se à habilidade de influenciar e persuadir através de meios não coercivos, como cultura, diplomacia e valores. Nye argumenta que a eficácia de uma nação no cenário internacional não pode ser medida apenas pela sua capacidade militar representando o *hard power*, mas também pela sua habilidade de atrair e cooptar outras nações representando o *soft power* (NYE, 2004).

O surgimento desses conceitos se deu no contexto histórico da Guerra Fria, quando Nye desenvolveu sua teoria. Em um período marcado pela polarização entre Estados Unidos e União Soviética, a compreensão do poder foi frequentemente associada à capacidade militar e nuclear. No entanto, Nye percebeu que essa abordagem unilateral não capturava a complexidade das interações internacionais. Assim, no início da década de 1990, ele cunhou os termos *soft power* e *hard power*, lançando luz sobre a importância de elementos não coercivos na influência global. ” (NYE, 2005)

Joseph Nye (2005), renomado acadêmico e ex-funcionário do governo dos Estados Unidos, é uma figura central no estudo das relações internacionais. Com uma formação sólida que inclui doutorado em Ciência Política por Harvard, Nye (2005) atuou como professor em diversas instituições acadêmicas de prestígio, moldando mentes e contribuindo para o campo das relações internacionais. Sua experiência não se limita às salas de aula, Nye ocupou cargos importantes no governo norte-americano, servindo como Subsecretário de Defesa durante a administração Clinton. Essa combinação única de expertise acadêmica e experiência prática proporciona a Nye uma perspectiva abrangente, influenciando suas teorias, especialmente as relacionadas ao poder.

Em síntese, Joseph Nye, com sua formação acadêmica sólida e experiência no governo dos EUA, desempenhou um papel fundamental na introdução dos conceitos de *soft power* e *hard power*. Estes, por sua vez, oferecem uma lente mais abrangente para compreender o papel

das nações no cenário mundial, especialmente no contexto histórico da Guerra Fria, quando Nye desenvolveu essas ideias inovadoras.

Os Estados Unidos, cientes da importância estratégica do Brasil na região, empregaram eficazmente o *soft power* para fortalecer os laços bilaterais. A presença cultural americana, expressa através do cinema, música e moda, infiltrou-se na sociedade brasileira, gerando uma crescente influência cultural. A imagem dos Estados Unidos como defensores da democracia e da liberdade foi habilmente promovida, criando uma associação positiva na mente dos brasileiros. (NYE, 2005)

Além disso, a diplomacia cultural de outras potências, como a Alemanha e a Itália, também deixou sua marca. Apesar de estarem em lados opostos do conflito, esses países buscaram promover suas culturas e ideologias, tentando conquistar a simpatia da sociedade brasileira. As estratégias incluíram eventos culturais, intercâmbios acadêmicos e iniciativas diplomáticas que visavam influenciar as percepções locais.

A influência da política externa norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial não se limitou apenas aos aspectos culturais. A assistência econômica e as relações diplomáticas estreitadas por meio de acordos bilaterais também moldaram a visão dos brasileiros sobre as potências envolvidas.

Em síntese, os efeitos do *soft power* durante a Segunda Guerra Mundial na sociedade brasileira foram profundos e multifacetados. A influência cultural das potências envolvidas contribuiu para moldar a percepção coletiva, deixando uma marca na cultura brasileira. (NYE, 2005, p.10) Logo, para exercer o papel dos assuntos internacionais da política norte-americana foi criada a OCIAA, bem no início da década de 1940.

#### **4.1 A institucionalização do *soft power* no território latino-americano (Brasil): OCIAA**

Em julho de 1941 foi criado pelo governo dos EUA a OCIAA (Office of the Coordinator of Inter-American Affairs) um escritório voltado a preservar os interesses externos estadunidenses em todos os países latino-americanos. Foi nomeado como chefe desse órgão o empresário/político Nelson Rockefeller (1941-1946), mantendo-se no cargo até ser extinguido o cargo. O principal objetivo da agência era de manter ou conquistar a influência dos EUA sob as nações e impedir a aproximação tanto do comunismo quanto do totalitarismo da América como um todo, visando a vitória da guerra e a segurança de seu território, mesmo longe do palco do conflito, havia sérios riscos de ataques como o ocorrido em

Pearl Harbour (1941), evento que marcou a entrada do país na guerra. (MORINAKA, 2019, p. 692-699)

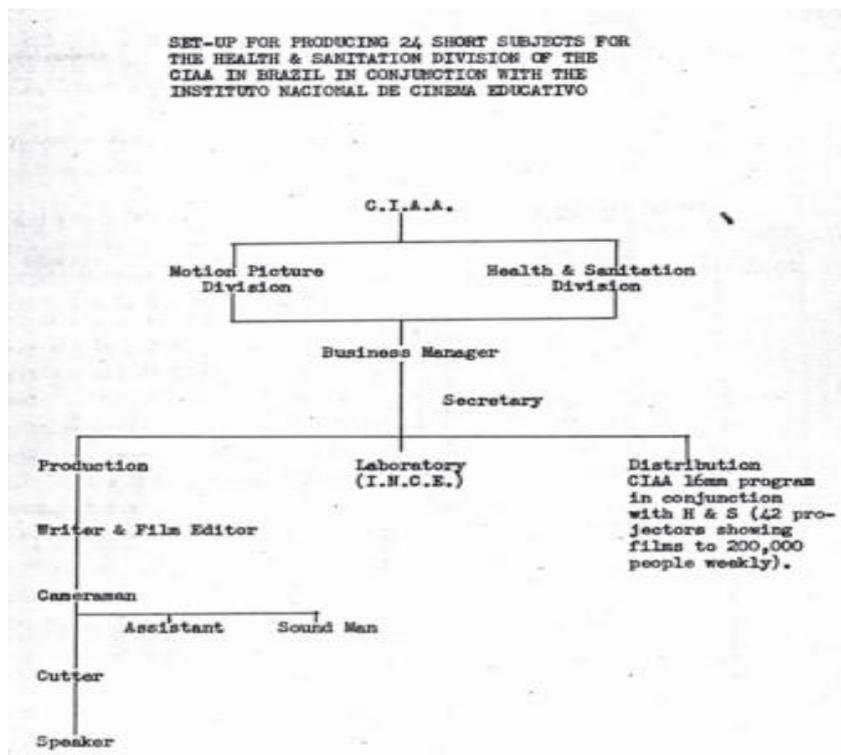


Figura 2(Rodrigo Medina Zagni - Cadernos PROLAM/USP (ano 8 - vol. 1 - 2008), pág. 67 - 91.

O papel da OCIAA nesse momento foi de fazer o trabalho de campo em território sul-americano, além de conseguir essa aproximação, outro objetivo fundamental era não deixar as influências de outros regimes influenciarem como eles próprios faziam, para manter sua hegemonia, primeiro na América e depois no mundo. Na primeira metade do século XX, os EUA ainda estruturam seu status como potência global, ou seja, interferindo em assuntos externos para procurar o melhor caminho para si, e os meios de comunicação definitivamente facilitam esse trabalho. Ao poder espalhar informação em massa para populações locais, pode se espalhar tanto verdadeiras quanto mentiras, e assim, desestabilizar nações inteiras, manipular pensamentos e até influenciar eleições. (MORINAKA, E., 2019)

Os Estados Unidos, cientes da importância estratégica do Brasil na região, empregaram eficazmente o *soft power* para fortalecer os laços bilaterais. A presença cultural americana, expressa através do cinema, música e moda, infiltrou-se na sociedade brasileira, gerando uma crescente influência cultural. A imagem dos Estados Unidos como defensores da democracia e da liberdade foi habilmente promovida, criando uma associação positiva na mente dos brasileiros.

Além disso, a diplomacia cultural de outras potências, como a Alemanha e a Itália, também deixou sua marca. Apesar de estarem em lados opostos do conflito, esses países buscaram promover suas culturas e ideologias, tentando conquistar a simpatia da sociedade brasileira. As estratégias incluíram eventos culturais, intercâmbios acadêmicos e iniciativas diplomáticas que visavam influenciar as percepções locais, tudo para conseguir concluir seus objetivos interestatais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desfecho da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados, a presença e aproximação dos EUA com o Brasil permaneceu/permanece até os dias de hoje. A cultura desses dois países se misturou com os filmes citados neste TCC e nos anos seguintes ocorreu a mistura do samba com o jazz gerando assim a bossa nova no final da década de 1950, e, alguns anos mais tarde até o cantor Frank Sinatra (símbolo americano) gravou um disco de sucesso com Antônio Carlos Jobim.

O modo de vida brasileiro mudou drasticamente após o conflito, pode-se notar o crescimento dos centros urbanos (antes um país majoritariamente agrário) e nesse período o êxodo rural já estava forte, os interioranos migraram para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro massivamente, todos a procura de emprego e melhores condições de vida, não devemos deixar de associar esse movimento como uma procura do tão conhecido *American way of life*, um consumismo crescente decorrente do capitalismo presente na mais nova potência global, consolidada pela vitória da 1ª e 2ª Guerras Mundiais, os Estados Unidos da América. Portanto seria errôneo desassociar essas ligações.

Ao exemplificar essa aproximação com o Brasil por meio da mídia, podemos assim considerar o cinema americano como um instrumento de *soft power norte-americano*, não apenas nessa situação, mas sim em todas as frequentes intervenções estadunidenses ao redor do planeta, ao longo de vários anos. Esse instrumento logicamente não é monopólio dos EUA porém foi ele que obteve a maior influência nesta área, mantendo grande parte do mundo sob sua ordem mesmo que indireta. Vários golpes militares na América Latina foram resultados dessa política, por vezes despercebida, de influenciar as pessoas na base, fazendo-os pensar como amigos, quando há apenas uma relação de interesse, e, como é estudado nas Relações Internacionais, todo Estado busca sua sobrevivência.

## REFERÊNCIAS

VIGEVANI, T. **O ambiente internacional que ameaça a paz, gera guerra e desencadeia genocídio.** 1995. Revista USP, (26), 42-51. Acesso em: 22/11/2023

PINHEIRO, Leticia. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial.** Revista USP, n. 26, p. 108-119, 1995.

ALVES, Juliana Martins. **Trabalho e trabalhadores no segundo governo Vargas: as greves como um "antidireito"(1951-1954).** Revista de História (São Paulo), p. 367-396, 2015.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **A importância geopolítica da América do Sul na estratégia dos Estados Unidos.** Revista da Escola Superior de Guerra, v. 24, n. 50, p. 7-35, 2008.

MCCANN, Frank D. **Brazil and World War II: The forgotten ally. What did you do in the war, Zé Carioca?.** Estudios interdisciplinarios de America Latina y el Caribe, v. 6, n. 2, p. 35-70, 1995.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. **Livros, trocas culturais e relações internacionais Brasil-Estados Unidos em um contexto de guerra (1941-1946).** Varia História, v. 35, p. 691-722, 2019.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **Imagens Projetadas Do Império - O Cinema Hollywoodiano e a Construção de uma identidade americana para a política de boa vizinhança.** Brazilian Journal of Latin American Studies, v. 7, n. 12, p. 67-91, 2008.

NYE, Joseph S. **Soft power: The means to success in world politics.** Public affairs, 2004.